

NEGOCIAÇÕES COM A VOZ DE OUTREM NA ESCRITA ACADÊMICA: UMA EXPERIÊNCIA COM A RESENHA TEMÁTICA¹

Thaís Cristina de Assis *
Juliana Alves Assis **

Resumo: Este artigo insere-se no campo dos estudos dos letramentos acadêmicos e toma como objeto de investigação a escrita de estudantes iniciantes de graduação, na modalidade de licenciatura e bacharelado. A pesquisa busca identificar e analisar, em duas versões de resenhas temáticas, a forma como alunos, assumindo a condição de autores, articulam suas vozes com as vozes de outrem, tendo em conta o posicionamento sobre o tema em desenvolvimento que o gênero resenha temática pressupõe. Foram analisadas seis resenhas temáticas produzidas por estudantes, em uma disciplina destinada a contribuir com o processo de letramento acadêmico de alunos ingressantes no ensino superior. Os resultados apontam caminhos para que os estudantes, em sua formação, possam compreender o papel do discurso de outrem na escrita acadêmica.

Palavras-chave: Letramento acadêmico. Escrita acadêmica. Discurso de outrem. Resenha temática.

NEGOTIATIONS WITH THE VOICE OF OTHERS IN ACADEMIC WRITING: AN EXPERIENCE WITH THE REVIEW FOCUSING ON A THEME

Abstract: This article is part of the field of academic literacy studies and has as its object of investigation the writing by undergraduate students, in the modality of licentiate and bachelor's degrees. The research seeks to identify and analyze, in two versions of thematic reviews, how students, assuming the condition of authors, articulate their voices with the voices of others, taking into account the position taken on the theme being developed that the thematic review genre presupposes. Six thematic reviews produced by students were analyzed in a discipline aimed at contributing to the academic literacy process of students entering higher education. The results point out ways for students, in their education, to understand the role of the discourse of others in academic writing.

Keywords: academic literacy; academic writing; discourse of others; thematic review.

Introdução

Seja no ensino, seja na pesquisa, inúmeros têm sido, nos últimos anos, os investimentos de professores e pesquisadores voltados às práticas de leitura e produção de textos no ambiente universitário (MATENCIO, 2008; CORRÊA, 2013; DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015; FISCHER; COLAÇO, 2015; DAUNAY; DELCAMBRE, 2017; MAGALHÃES; CRISTOVÃO, 2018; KOMESU; ASSIS, 2019; RODRIGUES; SILVA, 2020, dentre outros), no Brasil e no exterior. A despeito das contribuições que tais ações possam aportar ao campo dos letramentos acadêmicos, isso não significa a eliminação, como que por “mágica”,

das naturais dificuldades que os estudantes encontram em sua formação no ensino superior, muitas vezes não apenas na etapa inicial, mas também no mestrado e no doutorado. Essa condição, natural sob nosso ponto de vista – cabe insistir –, resulta da complexidade que envolve as práticas discursivas no ensino superior, consideradas as diferentes pressões e coerções, internas e externas, inerentes às instituições universitárias. Noutros termos, em diálogo com a perspectiva socioantropológica dos estudos do letramento (STREET, 1984; KLEIMAN, 1995, 2001; LEA; STREET, 2014; KLEIMAN; ASSIS, 2016, para citar alguns), as práticas de letramento são marcadas pelas especificidades sócio-históricas e culturais da esfera social em que se realizam, o que impede que sejam vistas ou descritas unicamente privilegiando os aspectos técnicos. No caso da escrita, como assinala Rodrigues (2020, p. 151), muitas vezes ela “costuma permanecer implícita nas aulas da universidade em favor do ensino instrutivo de gêneros”; dito de outro modo, um ensino que dá centralidade à forma em si mesma.

A complexidade dos fatores que cercam a relação com a palavra de outrem na escrita acadêmica, como defendem inúmeros trabalhos (BOCH; GROSSMANN, 2002 e 2015; DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015; ASSIS, 2019, dentre outros), costuma se apresentar como forte desafio aos estudantes, não raras vezes opacificado pelo aprendizado das normas da ABNT ou de outra norma técnica, ainda que estas sejam necessárias à entrada no universo acadêmico. Neste trabalho, tomamos como objeto de investigação a escrita de estudantes iniciantes na graduação, examinando o papel do gênero resenha temática (ASSIS, 2014) na forma como os estudantes, na condição de autores, dialogam com a voz de outrem, tendo em conta o posicionamento sobre o tema em desenvolvimento que o gênero resenha temática pressupõe. Para isso, serão analisadas 6 (seis) resenhas temáticas produzidas em uma disciplina destinada a contribuir com o processo de letramento acadêmico de alunos ingressantes no ensino superior, advindos de diferentes cursos, seja na modalidade de licenciatura, seja na modalidade de bacharelado.

1 Relações com a palavra de outrem na escrita acadêmica

Assumida a condição incontornavelmente dialógica de todo e qualquer enunciado (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017), interessa-nos discutir acerca das especificidades das relações com a palavra de outrem no discurso acadêmico-científico, o que está longe de ser alcançado tão somente pelo cumprimento de parâmetros de normalização (ABNT, APA ou Vancouver), conforme têm enfatizado vários trabalhos (ASSIS, 2019; RODRIGUES, 2018; BOCH; GROSSMANN, 2015; dentre outros) que, recusando uma visão instrumental da escrita, compreendem as práticas de letramento como atividades transformadoras dos sujeitos que nelas se engajam (GEE, 1996).

Dessa forma, a despeito de serem disciplinadas pelas mencionadas normas, ações como citar um autor, parafraseando ou transcrevendo suas ideias, aludir a um conceito cunhado por outrem ou a uma determinada corrente teórica ou domínio epistemológico são, sobretudo, expedientes por meio dos quais o escrevente constrói seu “corpo” no texto. Noutros termos, são expedientes que evidenciam a estatura intelectual do escrevente e revelam, por isso, seu lugar na comunidade discursiva (cf. MAINGUENEAU, 1993) em que esse texto é gerado (ASSIS, 2019).

A esse propósito, em discussão sobre o uso de citações no discurso teórico, Boch e Grossmann (2015, p. 284) assinalam que “citar o outro é [...] aceitar entrar em uma série de jogos particulares, que vão interferir na enunciação do autor”. Os autores descrevem três jogos, todos eles de interesse para a discussão deste trabalho:

Jogo de *posições*: a voz de um autor citado representa uma posição argumentativa em relação à qual o produtor do texto se situa pragmaticamente (acordo *versus* desacordo) com todas as variantes intermediárias. Jogo de *lugares*: a autoridade que funda o discurso citado e o modo pelo qual se efetiva sua legitimação pelo produtor do texto não é dada. Com efeito, citar implica construir essa autoridade, não apenas escolhendo sabiamente os autores a serem citados, mas também aprendendo a integrá-los aos campos nos quais eles se inscrevem e em relação ao sistema de normas ao qual se referem. Jogo de *faces*: como em qualquer diálogo, colocam-se,

inevitavelmente, problemas de segurança/insegurança, dominação/submissão, relacionados com a discrepância entre a posição de autores iniciantes relativamente aos que se lhes apresentam como especialistas. Assim, longe de ser uma prática inofensiva ou apenas decorativa, a citação faz emergir problemas fundamentais. Ela exhibe ou, inversamente, mascara as estratégias dos sujeitos: eliminação total ou parcial diante (ou melhor, atrás) do discurso do outro, posição de superposição crítica, de distância ou de avaliação, recuo prudente diante de uma afirmação que não se ousa endossar etc. (BOCH; GROSSMANN, 2015, p. 284-285, destaques do original.)

Na descrição desses “jogos”, colocam-se em evidência os efeitos provocados na construção da imagem do autor do texto pelos modos de negociação ou apropriação da palavra de outrem, aspectos que precisam ser significados pelos estudantes em seu processo de letramento acadêmico.

No que toca aos estudantes que ingressam no ensino superior, defendemos que a relação com o discurso de outrem face à construção de um posicionamento enunciativo que evidencie sua inserção e pertencimento na comunidade discursiva acadêmico-científica, abarcadas as especificidades da cultura disciplinar em questão (HYLAND; BONDI, 2006), é algo que se alcança a partir de um trabalho que incentive os estudantes à reflexão sobre a escrita como um processo e à concepção do texto como espaço de representação de sujeitos – o que ocupa a posição de autor e aqueles com os quais este dialoga.

Essa condição se impõe como cara ao processo de apropriação do gênero resenha temática, que pressupõe que o escrevente saiba selecionar e usar ideias e argumentos articulando sua voz com as vozes dos autores das obras às quais recorre. Ao desenvolver discussão sobre um tema, tal como se espera na escrita de uma resenha temática, o escrevente precisará se alimentar de princípios teóricos, ideias e argumentos de textos lidos, avaliando a relevância e a pertinência de se valer deles em seu texto. Para isso, também é fundamental a mobilização de recursos de gerenciamento de vozes (a voz do escrevente, na condição de autor da resenha temática, e a voz dos autores convocados), os quais concorrerão, igualmente, para a construção de um posicionamento enunciativo mais autoral ou mais submisso e dependente de posições alheias.

O desenvolvimento dessa capacidade no ensino superior demanda prática contínua e, principalmente, condições que permitam ao aluno ingressante

oportunidade para reflexão sobre sua escrita à luz de parâmetros que articulem a dimensão linguístico-textual à dimensão sócio-histórica que marca e condiciona todo dizer.

No caso dos dados a serem examinados neste trabalho, estes resultam de eventos e atividades didático-pedagógicos que concorrem para o letramento acadêmico na formação inicial de professores e de outros profissionais, assumidos como essenciais para o favorecimento da participação discente na cultura acadêmica, por meio do desenvolvimento de práticas de leitura e escrita voltadas à produção de conhecimentos relacionados à formação em curso, bem como à produção de novos conhecimentos a partir das próprias práticas.

Alinhadas a essa posição, a aposta que fazemos, tendo em conta os compromissos previstos para demais artigos que integram este dossiê, remonta à relevância da construção/apropriação/significação de saberes que permitam ao estudante de graduação, futuro professor ou bacharel, inserir-se na cultura acadêmica reconhecendo que seu trabalho com a/na escrita acadêmica pressupõe um saber-fazer específico, que não se reduz a um mero trabalho de (re)produção textual, tampouco à mobilização de saberes apenas de ordem linguística. Tendo em conta os interesses deste estudo, conforme anunciado, o recorte se dá em um saber caro à escrita acadêmica: a relação com a palavra de outrem.

2 Sobre o *corpus* da pesquisa e a disciplina que possibilitou sua constituição

Os textos examinados neste artigo foram coletados no contexto em que se produziram e não exatamente para a pesquisa, isto é, foram produzidos no âmbito das atividades de uma disciplina voltada para a produção de textos acadêmicos, no primeiro semestre de 2022.² Trata-se de disciplina ofertada por uma universidade mineira na modalidade a distância, optativa para todos os cursos de graduação dessa instituição, e que tem como objetivo introduzir os estudantes em valores, normas e gêneros do universo acadêmico. No semestre em questão, havia 7 (sete) turmas da disciplina, envolvendo 7 (sete) professores e uma média de 110 (cento e dez) alunos para cada turma. A despeito de ser

uma oferta na modalidade EaD, os professores da disciplina realizam de 4 (quatro) a 5 (cinco) encontros *online* síncronos com os alunos, momento em que estes apresentam aos docentes dúvidas sobre a escrita acadêmica, normalmente a partir de uma lógica prescritivista (*o que pode ou o que não pode ser feito na escrita acadêmica*), muito comum no ensino de língua, além de comentários sobre o material da disciplina.³

No semestre acompanhado, a disciplina estava organizada em 5 unidades, desenvolvidas por meio de videoaulas, vídeos ilustrativos, *podcasts*, artigos e/ou capítulos de livros e exercícios. São elas: I: Visão geral da escrita acadêmica; II: Gêneros do discurso de apoio à formação universitária; III: Argumentação e posicionamento autoral na escrita acadêmica; IV: Aspectos normativo-técnicos da escrita acadêmica; V: Gêneros acadêmicos e atividade de pesquisa.

Com exceção da unidade IV, intitulada “Aspectos normativo-técnicos da escrita acadêmica” e voltada exatamente à apresentação das principais normas da ABNT para a escrita acadêmica, mencionadas ainda a existência de outras normas, como APA e Vancouver, todas as demais unidades da disciplina se desenvolvem a partir de postulados teóricos e orientações metodológicas que articulam as contribuições do Círculo de Bakhtin sobre língua, linguagem e gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017) e a perspectiva socioantropológica dos estudos dos letramentos (STREET, 1984; KLEIMAN, 1995; LEA; STREET, 2014). Dessa forma, trata-se de uma abordagem da escrita acadêmica que busca levar os estudantes a refletir sobre a relação entre a exterioridade, em sua dimensão sócio-histórica, e a materialidade dos textos/discursos.

Em vários momentos do desenvolvimento das unidades, são tematizados aspectos referentes ao papel e às formas de inserção do discurso de outrem na escrita acadêmica, bem como aos efeitos que esses expedientes podem provocar na imagem do autor. Em diálogo com essa visão, a resenha temática, concebida a partir de Assis (2014),⁴ é tomada como produção de extrema importância na formação dos estudantes, uma vez que envolve habilidades de escrita valiosas para diversos gêneros que circulam nesse ambiente, como o artigo científico, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado, por exemplo.

Trata-se, assim, de um texto que aborda um tema específico, discutido pelo resenhista com base nas contribuições de outros autores. Nessa medida, o foco desse tipo de produção textual, como explicado na disciplina, não está no texto de um autor em particular (como se dá na chamada resenha ou resenha crítica), mas sim no tema em discussão. Nessa produção, é essencial que o resenhista apresente sua posição sobre o tema em diálogo com outras perspectivas.

Dadas tais características da proposta didática da disciplina no semestre acompanhado, foi prevista, como tarefa central, a escrita de uma resenha temática, desenvolvida em 2 (duas) versões, em grupos de 3 (três) a 4 (quatro) alunos. Excepcionalmente, a pedido dos próprios alunos, a escrita poderia ser individual ou em duplas. Após a primeira versão, corrigida e comentada pelos professores, os alunos se dedicaram à segunda versão do texto, que foi precedida, também, de um encontro *online* síncrono entre professores e estudantes, cujo objeto de discussão foi exatamente o resultado da correção das primeiras versões do grupo. Foi ressaltada a importância de se aprimorar a argumentação nessa segunda versão, enfatizando-se que ela deveria se desenvolver em harmonia com os textos referenciados. Flagrou-se, nessa medida, uma abordagem que pressupõe a reescrita como etapa constitutiva do trabalho de escrita.

Para a escrita das resenhas temáticas, os estudantes receberam orientações que integraram uma breve contextualização da natureza do texto a ser produzido e instruções para sua produção, aspectos que recuperam e dialogam com tópicos abordados pelas unidades da disciplina. No quadro a seguir, trazemos as orientações centrais para a tarefa.

Quadro 1 – Orientações gerais para a produção da resenha temática

[...]

SOBRE A RESENHA TEMÁTICA

Conforme estudamos na Unidade III, a resenha temática é uma produção importante na esfera acadêmica, integrando diferentes gêneros que circulam nesse espaço, tais como o projeto de pesquisa, o artigo, a dissertação, etc.

Trata-se de uma produção textual que **toma como objeto um dado tema**, o qual é discutido pelo resenhista a partir das contribuições de outros autores, por ele convocados em seu texto.

O foco desse tipo de produção textual não é, portanto, o texto de um determinado autor, e sim o tema que se põe em discussão.

É em torno desse tema e, é claro, conforme a posição do resenhista, que são trazidas à resenha temática ideias e contribuições de outros autores, com os quais o resenhista dialoga e com relação aos quais se posiciona.

Isso significa que, na resenha temática, o resenhista deve apresentar seu ponto de vista sobre um determinado tema.

Por essa razão, é preciso que os autores da resenha temática selecionem com cuidado as partes dos textos lidos que poderão efetivamente contribuir para a discussão a ser desenvolvida. Nesse sentido, duas condutas devem ser perseguidas:

citar (literalmente, entre aspas, ou por meio de paráfrase) apenas o que interessar à temática em curso no texto;
estabelecer diálogo com as citações selecionadas, de modo que elas não sejam como “parasitas” ou mero adorno na resenha temática.

INSTRUÇÕES PARA A PRODUÇÃO DA RESENHA TEMÁTICA

Tema: **Plágio.**

Textos a serem usados: **OBRIGATORIAMENTE, pelo menos 3, a serem selecionados dentre aqueles indicados (VEJAM A LISTA NO FINAL DA PÁGINA. OS ARQUIVOS ESTARÃO ANEXADOS AQUI).**⁵

Para a construção da resenha, **o grupo deverá eleger UM RECORTE para o tratamento do tema, no qual se evidencie a posição assumida por ele em relação ao tema.**

Alguns exemplos de recortes: Diferentes visões sobre o plágio; Para além de uma visão jurídica do plágio; A cultura da citação na escrita acadêmica e sua relação com o plágio; Plágio na escrita acadêmica: é possível mesmo ser original?

Na escrita do texto, assumam que são pesquisadores ou estudiosos da área e projetem como leitores pessoas interessadas na temática escolhida.

Importante: **deem um título à resenha**; sigam as normas da ABNT para citação e para referência (vejam normas no site da biblioteca da [nome da Universidade] e demais materiais postados na primeira parte da Unidade IV).

Extensão da resenha a ser produzida: de 850 a 1000 palavras. [...]

Fonte: Assis (2023, p. 63-64, destaques do original).

Acerca dessas orientações, dois aspectos nos chamam atenção. Primeiramente, a coerência das orientações em relação ao quadro teórico que sustenta a organização da disciplina; em segundo lugar, o caráter claramente responsivo de parte das orientações, em um movimento de contraposição a determinados saberes, crenças e práticas pressupostos pelos professores como hegemônicos no grupo de estudantes (*O foco desse tipo de produção textual não é, portanto, o texto de um determinado autor, e sim o tema que se põe em discussão; de modo que elas não sejam como “parasitas” ou mero adorno na resenha temática*).

Do conjunto de resenhas temáticas coletadas para a pesquisa de Assis (2023), tomaremos para análise, neste artigo, excertos de 6 (seis) resenhas temáticas, sendo 3 (três) em sua primeira versão e 3 (três) em sua segunda versão. Esclarecemos que nosso interesse não é comparar especificamente a primeira e a segunda versão de uma mesma resenha temática, e sim evidenciar, por meio do exame de excertos retirados de cada um dos dois grupos de resenhas (1ª e 2ª versões), dificuldades e avanços em relação ao papel do discurso de outrem na escrita acadêmica.

Conforme se poderá verificar na próxima seção, os nomes dos alunos foram omitidos; a identificação dos textos se fará pela sigla RT, seguida por letras e números, que indicarão a que versão o trecho apresentado se refere. Assim, temos RT-A1, RT-B1 e RT-D1 – referentes à primeira versão das resenhas temáticas – e RT-C2, RT-E2 e RT-G2 – referentes à segunda versão das resenhas temáticas.⁶

Quanto aos autores das resenhas cedidas, são estudantes dos cursos de licenciatura (Filosofia, Geografia, Letras e Pedagogia) e bacharelado (Direito, Engenharia de Produção, Psicologia e Serviço Social). Ao todo, foram contemplados neste artigo, 6 (seis) diferentes grupos de estudantes, todos eles híbridos, ou seja, composto de integrantes de cursos de licenciatura e de bacharelado.

3 Gerenciamento de vozes nas resenhas temáticas

Nesta seção, buscaremos examinar excertos das resenhas temáticas, em suas duas versões, a fim de identificar e analisar o modo como os estudantes, na condição de autores, articulam suas vozes com as vozes de outrem, tendo em conta a construção de um posicionamento sobre o tema em desenvolvimento, tal como o gênero resenha temática pressupõe.

Inauguramos nossas reflexões com o quadro a seguir, que abriga alguns excertos da primeira versão das resenhas temáticas analisadas, em que se flagram aspectos bastante recorrentes nos primeiros contatos dos estudantes com a escrita acadêmica. Os três excertos selecionados trazem a abertura da resenha temática, em sua primeira versão.

Quadro 2 – Articulação de vozes na primeira versão das resenhas temáticas⁷

<p><u>Introdução</u></p> <p>O plágio pode ser caracterizado pela apropriação intelectual de um produto sem a devida atribuição dos créditos ao autor, por exemplo, músicas, desenhos, pinturas e livros. Essa problemática é recorrente no âmbito da produção intelectual, sendo de extrema relevância o discorrimento do tema para apresentar as causas, efeitos sociais e legais, bem como possíveis soluções para tal adversidade. Desse modo, por meio da resenha temática, elaboramos tais abordagens a fim de promover a importância da minimização do problema exposto.</p> <p><u>As diversas problemáticas desenvolvidas pelo plágio</u></p> <p>Zygmunt Bauman, em seu livro “Nascidos em Tempos Líquidos”, deixa claro que, na contemporaneidade, ou seja, nos tempos líquidos, a população em geral e principalmente os jovens tem um acesso à informação que nunca a humanidade teve antes. Tal feito só é possível em decorrência do desenvolvimento da tecnologia que permitiu que o ser humano tenha um acesso quase ilimitado a diversos conteúdos na palma de sua mão. Todavia, como é mostrado pelo texto “Plágio na academia: casos da Universidade Federal de Minas Gerais”, escrito por Zélia Pires da Silveira, Eucídio Pimenta Arruda e Durcelina Ereni Pimenta Arruda, o plágio é um problema sério no meio acadêmico brasileiro. Então, percebe-se que mesmo com o aumento de acesso a informação, esse problema ainda é recorrente na sociedade. (RT-A1, destaques nossos)</p>
<p>O plágio é um tema bem polêmico dentro do meio acadêmico e profissional. Com a globalização e fortalecimento da internet, o acesso à informação ficou cada vez mais fácil. Com isso, ficou muito mais fácil plagiar uma obra, trabalho ou qualquer coisa do tipo. No entanto, o plágio é ilegal e diversas consequências ruins podem ocorrer com o plagiador, mesmo que não fique extremamente claro que foi uma cópia de alguma outra obra.</p> <p>No texto “Direito Autoral, Plágio e Coautoria: questões acadêmicas e éticas”, de Roberto Vilmar Satur, Guilherme Ataíde Dias e Armando Malheiro da Silva, “o plágio é o ato de apresentar como seu algo produzido por outra pessoa, normalmente já publicado ou defendido em outro local e para outra finalidade específica.” As motivações podem ser das mais variadas. Desde o receio de não conseguir fazer algo de qualidade até buscar um reconhecimento grande de forma mais “fácil”. O problema é que essa forma fácil, pode trazer consequências e o “tiro sair pela culatra”.</p> <p>Um dos textos, o “Plágio na Academia”, traz um ponto que pode ser considerado bem grave, que é o plágio dentro das universidades, no caso, da UFMG, importante instituição de ensino e berço de muitos projetos que mudaram a vida de muitas pessoas. Em um dos trechos do texto, o autor cita que a Universidade serve para proporcionar ensino, educar as pessoas e ajudá-las a se formar não só como profissional, mas também em âmbito pessoal. Portanto, é ainda mais grave haver plágios dentro de um local que prega exatamente o contrário disso.</p> <p>Para explicar um pouco disso, o texto “Entre o plágio e a autoria: qual o papel das Universidades”, traz um pouco de qual função as universidades têm nessa questão. A autora deixa claro que a Universidade precisa “tecer fios” a fim de melhorar a situação e extinguir com essa prática de plágios dentro das universidades e, conseqüentemente, em todos locais possíveis. (RT-B1)</p>
<p>O plágio tem sido um tema amplamente discutido no contexto acadêmico. Debates sobre direitos autorais, coautorias e a utilização correta das “vozes” inseridas no texto ocorrem frequentemente no que tange à confecção de trabalhos acadêmicos e científicos. Assim, para iniciarmos uma abordagem a este assunto, torna-se imprescindível a conceituação trazida por Satur, Dias e Silva (2020, p. 62) dizendo que “o plágio é o ato de apresentar como seu algo produzido por outra pessoa, normalmente já publicado ou defendido em outro local e para outra finalidade específica”.</p> <p>Além disso, sabemos que é comum dentro de tais debates algumas especulações acerca da</p>

referida temática, visando entender quais são os motivos que levam os jovens ao caminho antiético do plágio. (RT-D1)

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da pesquisa de Assis (2023).

No Quadro 2, a RT-A1 se constrói com uma organização que remete a formas valorizadas na cultura escolar e também na universitária: a divisão do texto em seções, iniciadas por uma intitulada “introdução”. A esse respeito, caberia acrescentar que, nessa resenha temática, foi incluído um sumário, ainda que o texto não tenha chegado a 3 páginas no total, dado o limite de palavras para a tarefa. Chama a atenção, logo após a “introdução”, a referência a Zygmunt Bauman, na obra *Nascidos em Tempos Líquidos*, em que Bauman dialoga com o jornalista italiano Thomas Leoncini, que também assina o livro, embora essa informação não apareça em RT-A1. Essa estratégia – a de abrir o texto estabelecendo diálogo com uma referência teórica, artística ou histórica – é fortemente valorizada na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), segundo nos confirmam os exemplos de redação nota 1000 divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) bem como diversas publicações que se prestam a dar “dicas” para o candidato ser bem-sucedido no ENEM.⁸

Parece-nos razoável supor que os escreventes tenham adotado esse recurso por interferência dessa experiência com o ENEM; entretanto, o que nos interessa aqui é como essa estratégia se realiza e que efeitos permite criar no texto em questão. Note-se, inicialmente, que a seleção de Bauman como uma referência logo na abertura guarda relevância e pertinência em relação ao tema da resenha temática, na medida em que a discussão sobre plágio pode ser desenvolvida a partir de uma reflexão sobre a relação entre tecnologia e informação (“Zygmunt Bauman, em seu livro ‘Nascidos em Tempos Líquidos’, deixa claro que, na contemporaneidade, ou seja, nos tempos líquidos, a população em geral e principalmente os jovens tem um acesso à informação que nunca a humanidade teve antes. Tal feito só é possível em decorrência do desenvolvimento da tecnologia que permitiu que o ser humano tenha um acesso quase ilimitado a diversos conteúdos na palma de sua mão.”).

Entretanto, o que temos na sequência, a despeito da tentativa de estabelecimento de um diálogo entre o pensamento de Bauman, a discussão

sobre plágio e um dos textos indicados para a tarefa, são considerações que indiciam a não compreensão dos escreventes do pensamento de Bauman mencionado, bem como uma visão, de certa forma estreita, do plágio (“Todavia, como é mostrado pelo texto ‘Plágio na academia: casos da Universidade Federal de Minas Gerais’, escrito por Zélia Pires da Silveira, Eucídio Pimenta Arruda e Durcelina Ereni Pimenta Arruda, o plágio é um problema sério no meio acadêmico brasileiro. Então, percebe-se que mesmo com o aumento de acesso a informação, esse problema ainda é recorrente na sociedade.”). Noutros termos, ainda que, do ponto de vista da organização textual, perceba-se o uso de elementos caros à escrita acadêmica em destaque no segundo parágrafo do texto (articuladores, recurso metaenunciativo, recursos de gerenciamento de vozes, dentre outros), isso não se mostra suficiente para inibir os problemas que dizem respeito à dimensão conceitual na resenha temática, o que a fragiliza.

O segundo excerto vem da RT-B1. Nessa abertura da resenha, o primeiro parágrafo cuida de introduzir o tema a ser discutido a partir de um conjunto de informações. Em seguida, os próximos parágrafos centram-se em uma espécie de sumarização de ideias de três dos textos indicados para a tarefa de escrita, conforme indicado no Quadro 1 e na nota 5. O modo como isso é realizado pelos escreventes deixa à mostra, de certa forma, a não compreensão das condições de produção previstas para o texto a ser produzido, conforme abordado no Quadro 1 (“**Na escrita do texto, assumam que são pesquisadores ou estudiosos da área e projetem como leitores pessoas interessadas na temática escolhida**”). Noutros termos, os escreventes parecem projetar como leitores aqueles que têm ciência sobre os textos indicados para a tarefa e sobre a própria tarefa, o que fica evidente na forma como a menção ao texto é introduzida (“Um dos textos, o ‘Plágio na Academia’, traz um ponto que pode ser considerado bem grave, que é o plágio dentro das universidades, no caso, da UFMG [...]”).

Outro aspecto a ser comentado acerca desse excerto é que os parágrafos que se referem às obras indicadas para apoio à argumentação da resenha temática se devolvem dando centralidade aos textos e não exatamente ao tema. Sob nosso ponto de vista, o modo como a RT-B1 recorre à palavra de outrem, ou seja, a três dos textos indicados para a tarefa, pode ser interpretado como

indicativo de que a compreensão da tarefa a ser realizada remete a experiências escolares em que é preciso dar ciência ao professor de que se leu.

O terceiro e último excerto selecionado vem de RT-D1 e exemplifica estratégia algo recorrente no grupo de textos examinados, condição também presente em textos de pesquisadores em formação (na iniciação científica e mesmo no mestrado): a voz de outrem é introduzida no texto como uma referência essencial, uma autoridade (“[...] para iniciarmos uma abordagem a este assunto, torna-se imprescindível a conceituação trazida por Satur, Dias e Silva (2020, p. 62)”). Essa condição de autoridade, entretanto, não é significada na sequência ou mesmo em nenhum outro momento do texto, o que torna frágil a estratégia de inserção da citação e ao mesmo tempo deixa evidente a face de insegurança ou de submissão dos escreventes na relação com a palavra de outrem, nos termos propostos por Boch e Grossmann (2015).

Resta ainda comentar, tendo em conta os excertos retirados de RT-A1, RT-B1 e RT-D1, que as características que foram objeto de nossa atenção na análise apresentada representam aspectos comuns às primeiras versões de resenhas temáticas que integram o *corpus* da pesquisa de mestrado desenvolvida por Assis (2023), sendo ainda presentes, mas em escala bem menor, nas segundas versões. Ainda que tenhamos nos ocupado apenas da análise de parte dos textos cedidos para a pesquisa aludida, o acompanhamento da disciplina ao longo do 1º semestre de 2022, incluídos os encontros *online* síncronos com alunos e professores da disciplina, dois dos quais dedicados especificamente a comentários e dúvidas sobre a resenha temática, inclusive com discussão de exemplos, autorizam-nos estender as características descritas também para o conjunto de textos produzidos na disciplina (72 textos, aí incluídas a 1ª e a 2ª versão da resenha temática).

Por fim, cabe observar que, com exceção de RT-D1, tanto RT-A1 quanto RT-B1 não recorrem, de forma precisa, às normas da ABNT para menção ou introdução da voz de outrem, aspecto bastante comum, como se pode supor, às primeiras versões da resenha temática por parte de alunos ingressantes no ensino superior.

No que se refere à 2ª versão das resenhas temáticas, após correção da 1ª versão e comentários dos professores aos alunos no encontro *online* síncrono,

orientados pelos postulados teóricos que alicerçaram os materiais e demais ações da disciplina, os dados revelaram algumas mudanças interessantes na forma de apropriação e no papel atribuído à palavra de outrem. Vejamos o Quadro 3, a seguir, para o qual selecionamos algumas passagens.

Quadro 3 – Gerenciamento de vozes na segunda versão das resenhas temáticas

Em análise a esse conceito do que é um autor, Silva (2008) levanta uma questão relevante para reflexão e complementa esse questionamento ao citar Foucault (1992) . (RT-E2, destaques nossos)
Para alguns autores , plágio engloba apenas a apropriação das ideias de outrem, como apontado por Fonseca na seguinte passagem : "O plágio se caracteriza com a apropriação ou expropriação dos direitos intelectuais" (FONSECA, s.d., <i>apud</i> SILVA, 2008, p. 358) (RT-C2, destaques nossos)
Silva (2008, p. 361) afirma que "a cópia de textos de outrem, isto é, o plágio, tornou-se prática constante e um dos motivos expostos pelos graduandos é a falta de tempo pelo acúmulo de atividades exigidas pelos professores". Essa realidade exposta leva-nos ao questionamento dos parâmetros impostos dentro do ambiente universitário , considerando que a demanda de trabalhos a ser entregues pelos alunos muitas das vezes os forçam a produzirem textos de atividades nem um pouco originais. A produção de um texto sobre determinado tema é algo que demanda tempo, que vai desde uma leitura bem feita até a escrita bem fundamentada e elaborada pelo autor; esse tempo nem sempre é possível para todos os alunos que em suas diferentes realidades têm que compartilhar seu tempo com a obtenção e produção de conhecimento em várias disciplinas diferentes, fora os que também tem de trabalhar e se deslocar de distâncias longas até o espaço da universidade. (RT-G2, destaques nossos)

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da pesquisa de Assis (2023).

Um aspecto que chama a atenção nos recortes selecionados é que o discurso de outrem é tomado de forma a beneficiar o projeto de dizer que se materializa na resenha temática. Assim, no excerto retirado da RT-E2, as palavras que introduzem a voz de "Silva (2008)" estabelecem uma contextualização sobre o tema em discussão (nesse caso, a noção de autoria, a partir da noção de plágio, ambas apresentadas em parágrafos anteriores). No excerto apresentado, os escreventes não apenas recorrem à voz de outrem para compor seu texto, mas mostram certa apreciação a essa voz – "Silva (2008) levanta uma questão relevante para reflexão" – ao introduzir que o que é dito pela autora, aspecto que se mostra pertinente à reflexão que pretendem estabelecer entre o conceito de plágio e de autoria. Além disso, remetem ao diálogo que a autora constrói ao citar "Foucault (1992)". Sob nosso ponto de vista, o excerto nos indica uma articulação que soma ao projeto de dizer

desenvolvido na resenha, o que possibilita que a voz dos escreventes, na posição de autores, não se veja sufocada ou neutralizada no texto.

Os escreventes, no excerto retirado da RT-C2, optam por fazer referência à voz de outrem de forma genérica (“Para alguns autores”). Com base nessa referência, recorrem ao que podemos chamar de ilustração do que foi afirmado, o que é feito por meio da citação literal de “Fonseca”, retirada do texto de “Silva (2008)”; noutros termos, trata-se de um caso de indicação de citação indireta com o uso de *apud*, prática até então desconhecida pela absoluta maioria dos alunos da disciplina. Cumpre-nos esclarecer que essa citação foi introduzida para dialogar com o exposto anteriormente na resenha temática,⁹ em que os escreventes apresentam o plágio como um conceito volúvel, tendo sido defendida a necessidade de abordar algumas das mais variadas interpretações sobre a noção em tela. Note-se, portanto, que a inserção de uma outra voz aparece no texto para exemplificar a discussão que está sendo posta em pauta, validando e valorizando a argumentação desenvolvida na resenha temática. Noutros termos, a voz de outrem atua de modo a fortalecer o posicionamento enunciativo dos escreventes, na condição de autores.

O último recorte apresentado pelo Quadro 3 (RT-G2) abriga estratégia que dá aos escreventes uma posição de autoridade na discussão proposta, tomando como mote, inclusive, a palavra de outrem trazida ao texto. Dessa forma, os escreventes se valem da posição de um dos autores indicados para a tarefa – “Silva (2008, p. 361) afirma que ‘a cópia de textos de outrem, isto é, o plágio, tornou-se prática constante e um dos motivos expostos pelos graduandos é a falta de tempo pelo acúmulo de atividades exigidas pelos professores’” – para dar lugar a uma argumentação sobre o plágio que lança luz sobre aspectos que remetem à exterioridade dos textos, noutros termos, que constituem as condições materiais e sociais de escrita. Podemos supor que a própria experiência desses estudantes no ensino superior seja fator determinante para o posicionamento assumido, mas o que nos parece interessante destacar, no caso em tela, é como, ao atuarem na condição de escreventes, enunciam construindo uma posição que, beneficiando-se do diálogo com a voz de outrem inserida, expandem, de forma responsiva, a reflexão por ela instanciada.

Com base nos excertos analisados nesta última seção, sobretudo tendo em conta o que eles informam sobre a experiência de escrita em curso e o fato de abrigarem características comuns aos textos da maioria dos estudantes da disciplina em que os dados foram gerados, é possível apontar o papel positivo da experiência didática com o gênero resenha temática na formação universitária inicial, exatamente por ela propiciar aos estudantes a possibilidade de reflexão sobre o papel produtivo e, ao contrário, também o efeito nocivo da citação na escrita acadêmica. As dificuldades apontadas nos excertos trazidos como exemplos das primeiras versões são muito menos presentes no conjunto das segundas versões da resenha temática, nas quais se flagra uma compreensão mais madura da citação na composição do texto, observada nos diálogos e negociações estabelecidos entre o posicionamento enunciativo dos escreventes e as vozes de outrem.

Considerações finais

A formação universitária na e por meio da escrita, qualquer seja a área de conhecimento e o nível de formação, apresenta-se como condição essencial para o desenvolvimento do sujeito e para o processo de apropriação e produção de conhecimentos inerentes ao percurso acadêmico e à futura ação profissional.

Sob nosso ponto de vista, atuam nessa direção práticas de escrita que criam condições ao escrevente para a reflexão e a conseqüente ressignificação do peso, do papel e dos prováveis efeitos de sentido gerados pela apropriação da voz de outrem em seu texto.

Defendemos que um caminho didático favorável a esse objetivo é o trabalho com a resenha temática, ou seja, com um texto que se constrói em torno de um dado tema e que exige do estudante, na condição de escrevente, o diálogo com outras vozes por ele convocadas e com relação às quais se posiciona. Tal como vimos neste artigo, trata-se de um gênero que demanda a capacidade do escrevente de discernir sobre com quais vozes deve dialogar e como isso deve ser feito, equilibrando-se entre uma posição que cede à voz de outrem o domínio da enunciação do seu próprio texto e aquela que manifesta o domínio claro de sua posição enquanto autor, que “quase ingere, em sua própria

enunciação, a do discurso alheio” (DAUNAY; ASSIS, 2023). Esses aspectos, como sabemos, passam ao largo dos discursos normativos ou moralizantes sobre a citação, que priorizam as normas técnicas para citar e referir e/ou os possíveis efeitos jurídicos do que se concebe como plágio.

Nesse processo, o desafio maior a ser perseguido – parece-nos – seria o investimento em propostas didáticas guiadas por parâmetros formais e axiológicos específicos de cada cultura disciplinar, ou seja, que levem em conta as variedades disciplinares no ambiente acadêmico, conforme postula Hyland (2012), também no que se refere às formas e funções da apropriação da palavra de outrem no discurso científico. Assim, observadas as especificidades dos modos de fazer e de dizer científicos de diferentes áreas/subáreas de conhecimento, seriam facultadas aos estudantes do ensino superior – seja na licenciatura, seja no bacharelado, seja, ainda, na pós-graduação *stricto sensu* – a significação e a apropriação crítica de saberes e valores que os apoiem na construção de “seu próprio sistema de posições enunciativas”, tal como defendem Boch e Grossmann (2015, p. 285).

Notas

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. assis.thaisc@gmail.com

** Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. juassis@pucminas.br

¹ Este artigo retoma grande parte do *corpus* explorado por Assis (2023) em sua pesquisa de mestrado, lançando sobre ele novos olhares.

² Os textos que integram o *corpus* da pesquisa foram coletados virtualmente. Houve autorização voluntária dos alunos cedida por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por *e-mail* aos alunos matriculados na disciplina em questão no primeiro semestre de 2022.

³ Tais encontros *online* síncronos são gravados e disponibilizados, em seguida, no ambiente virtual da disciplina.

⁴ No artigo em questão, aparece a forma “resenha acadêmica temática” (ASSIS, 2014, p. 550).

⁵ Os textos indicados pelos professores da disciplina encontram-se nas referências deste artigo. São eles: Ferreira e Persike (2014); Satur, Dias e Silva (2020); Silva (2008); Silveira, Arruda e Arruda (2021); Sobral e Giacomelli (2020).

⁶ Optamos por manter as siglas conforme apresentadas em Assis (2023), exceção feita à RT-G1, que não chegou a ser analisada no aludido trabalho.

⁷ Os excertos que integram os Quadros 2 e 3 reproduzem literalmente os originais.

⁸ Como exemplo, mencionamos: <https://blogdoenem.com.br/modelos-mec-de-redacao-enem-nota-1000/> e <https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/redacao/28-citacoes-de-redacoes-nota-1000-do-enem/>

⁹ Trecho da RT-C2 anterior ao excerto: “[...] Inicialmente, torna-se válido pontuar as várias esferas do plágio, uma vez que esse tema se modifica com base no período em que está inserido. Dessa forma, percebe-se que, de acordo com a mudança de período histórico, têm-se também uma modificação do que é o plágio, portanto, esse é um conceito volúvel e que sofre modificações com o tempo. Isso que é resumido na passagem: ‘[...] a concepção de plágio sofreu mudanças, de acordo com o momento histórico e as condições sociais de cada época [...]’ (SILVA, 2008, p.358). A partir desse primeiro conhecimento, têm-se a necessidade de, nesta resenha, fazer a contemplação do que é o plágio. Todavia, é prudente pontuar que há os mais variados tipos de interpretação do que é o plágio [...]”.

Referências

ASSIS, Juliana Alves. Ações do professor e do universitário nas práticas de ensino e de aprendizagem da escrita acadêmica: o papel da avaliação e da reescrita no processo de apropriação do gênero resenha. **Eutomia. Revista de Literatura e Linguística**, Recife, v. 1, n. 13, p. 543-561, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/579/482>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ASSIS, Juliana Alves. Discursos de orientadores brasileiros e franceses no e sobre o feedback aos textos de seus mestrandos e doutorandos: um olhar sobre critérios e expedientes em torno da apropriação da palavra de outrem na escrita acadêmica. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, p. 531-551, 2019.

ASSIS, Thaís Cristina de. **Escrita acadêmica por universitários iniciantes: apropriação do discurso acadêmico e sua relação com o discurso de outrem em resenhas temáticas**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Linguística e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. Tradução: Maria de Lourdes Meirelles Matencio. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias Sobre Linguagem).

CORRÊA, Manoel L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Linguagem em (dis)curso**, v. 13, p. 481-513, 2013.

DAUNAY, Bertrand; ASSIS, Juliana Alves. Modalidades da apropriação do discurso de outrem em artigos científicos: comparação de duas áreas do conhecimento. **EntreLetras**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 229–253, 2023. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2023v14n2p229-253. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/17014>. Acesso em: 20 out. 2023.

DAUNAY, Bertrand; DELCAMBRE, Isabelle. Les modalités énonciatives de la reprise du discours d'autrui dans les écrits de recherche et les écrits didactiques. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, p. 37-64, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/14232/12818>. Acesso em: 25 maio 2023.

DELCAMBRE, Isabelle; LAHANIER-REUTER, Dominique. Discurso de Outrem e Letramentos Universitários. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e Formação Universitária**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 225-250.

FERREIRA, Marília Mendes; PERSIKE, Alissa. O tratamento do plágio no meio acadêmico: o caso USP. **Signótica**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 519–540, 2014. DOI: 10.5216/sig.v26i2.30312. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/30312>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FISCHER, Adriana; COLAÇO, Sylvania Faccin. Letramentos acadêmicos em um programa de iniciação à docência: modos de interação em práticas pedagógicas. **Linguagem & Ensino**, v. 18, p. 99-123, 2015.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2nd. ed. London: Taylor & Francis, 1996.

HYLAND, Ken. **Disciplinary identities**: Individuality and community in academic discourse. New York; Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HYLAND, Ken; BONDI, Marina (Ed.). *Academic discourse across disciplines*. New York: Peter Lang, 2006.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **A formação do professor**: perspectivas da lingüística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

KLEIMAN, Angela B.; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Significados e ressignificações do letramento**: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves. Por que estudar a escrita acadêmica: palavras iniciais. In: KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves. **Ensaio sobre a escrita acadêmica**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019. p. 5-13.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teorias e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 477-493, 2014.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Letramento científico, gêneros textuais e ensino de línguas: uma contribuição na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. **Raído**, v. 12, n. 30, p. 52-72, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Gêneros do discurso e apropriação de saberes: (re)conhecer as práticas languageiras em sala de aula. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 8, n. 3, p. 541-562, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/BTPxygZzt3QJM5SG4fdsMPd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. **Escrita de pesquisa e para a pesquisa**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. A entrada na ordem do discurso universitário – processos de formação e práticas de escrita. *In*: SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira (org.). **Práticas discursivas em Letramento acadêmico**: questões em estudo – Entrevistas sobre a escrita acadêmica. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. p. 150-169.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (org.). **Estudos aplicados à prática de escrita acadêmica**: colocando a mão na massa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. p. 185-229 (Coleção Práticas discursivas em contexto acadêmico: questões em estudo, v. 3).

SATUR, Roberto Vilmar; DIAS, Guilherme Ataíde; SILVA, Armando Malheiro da. Direito autoral, plágio e coautoria: questões acadêmicas e éticas. **Brazilian Journal of Information Science**: Research trends, v. 14, n. 1, jan./mar. 2020. p. 57-87. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8889>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira. Apresentação – Escrita acadêmica: um diálogo em aberto. *In*: SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira (org.). **Práticas discursivas em Letramento acadêmico**: questões em estudo – Entrevistas sobre a escrita acadêmica. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. p. 7-26.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008. p. 357-414. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PK7VSKjhMWTqCrsPQrVYTDdb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVEIRA, Zélia Pires da; ARRUDA, Eucídio Pimenta; ARRUDA, Durcelina Ereni Pimenta. Plágio na academia: casos da Universidade Federal de Minas Gerais. **Atos de pesquisa em educação**, Minas Gerais, v. 16, n. 8785, jul. 2021. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8785>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. O domínio das práticas letradas acadêmicas e seus gêneros de discurso. *In*: SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira (org.). **Práticas discursivas em letramento acadêmico**:

questões em estudo – Entrevistas sobre a escrita acadêmica. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. p. 28-45. Disponível em:
<https://www.editora.pucminas.br/obra/praticas-discursivas-em-letramento-academico-questoes-em-estudo-volume-2>. Acesso em: 5 maio 2022.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. London: Cambridge University Press, 1984.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.